ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO

A educação e a urbanidade

Aos professorandos de 1902

(Discurso de seu paranympho)

POR

JOSÉ FELICIANO

(Lido a 11 de dezembro de 1902)

(Anno CXV da Revolução Franceza e XV da Republica Brazileira)

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO « DIARIO OFFICIAL »

1903

ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO

A educação e a urbanidade

Aos professorandos de 1902

(Discurso de seu paranympho)

POR

JOSÉ FELICIANO Oliveira

(Lido a 11 de dezembro de 1902)

(Anno CXV da Revolução Franceza e XV da Republica Brazileira)

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO « DIARIO OFFICIAL »

1903

A' Memoria querida

DE

MEU BOM AMIGO

Dr. Cesario Motta,

o bondoso propugnador da instrucção publica.

A MEU ILLUSTRE, BOM E PATERNAL AMIGO

Dr. Bernardino de Campos,

o Presidente de S. Paulo que mais tem feito em prol da instrucção publica.

A SEU DIGNO SECRETARIO,

meu presado conterraneo e amigo

Dr. Bento Bueno

A SEU ANTIGO E MAIS ACTIVO AUXILIAR, MEU PRESADO AMIGO

Prof. Gabriel Prestes

AOS DIGNOS PROFESSORES EM EXERCICIO,

representados em meus estimados amigos e bons alumnos: D. Izabel Serpa Vieira, D. Julia Antunes, D. Maria da Conceição Pereira, cidadãos A. Carvalho, Gabriel Antunes, J. Lourenço Rodrigues e René Barreto.

AOS PROFESSORANDOS DE 1902,

representados em minhas boas alumnas e bons alumnos:

Almerinda Mello, Anna Gomide, Aida e Cora Veiga, L. Lascasas, Maria José Gonçalves, Maria José Ortiz e Motta, Maria da Gloria Freitas, Marianna Alves, Minervina Soares, H. Veiga, José Armando, Rogerio Lacaz... (v. appendice).

AOS PROFESSORANDOS DE 1901,

representados por meus bons alumnos:

Adelaide Bastos, Maria Pena, Maria Valle, Ophelia Freida, Teresa Fortes, Zulmira de Almeida, André Alckmin, Carlos Gallet, Crispim de Oliveira, José Domingues, Raul Meira...

A meus alumnos particulares,

representados por meus caros amigos e bons alumnos: Anna (Nicota) Netto, Dulce e Emma Werneck, Josephina Bierrenbach Monteiro e Fernando Netto.

Aos bons paes de meus bons alumnos,

representados por meus presados amigos: D. Anna Antunes, D. Anna Netto, D. Francisca Bierrenbach, dr. Antonio dos Santos Werneck e cidadão Domingos Netto.

A meus collegas, amigos e conhecidos,

que bondosamente em mim têm honrado a funcção de professor,—todos elles representados por meus amigos e collegas estimados: D. Annie Stafford e Basilio de Magalhães.

Como lembrança, gratidão e penhor de estimulo para continuar em minha lida, offereço e consagro este discurso.

JOSÉ FELICIANO.

35, rua Vasco da Gama.

(Nascido em Jundiahy, a 6 de Março de 1868).

Advertencia

Si meu animo propendesse a descahir ante as aperturas do presente, o acolhimento que teve este discurso m'o levantaria de todo em todo. Ao nascedouro, o amimaram logo os carinhos de meu presado amigo dr. Bento Bueno, que o destinou á campanha contra a indisciplina, de que é estrenuo, pugnaz adversario. E depois tantos têm sido os valiosos, insuspeitos applausos dos entendidos que devo capacitar-me de haver tocado a fibra da benevolencia geral.

Depois desse complemento gratissimo do dever cumprido, o maior consolo é a disseminação que agora vão ter os germens de boa vontade, contidos em meu discurso. Ainda nesse terreno, são animadoras as esperanças que tenho. Desconto as imperfeições do semeador, contando com a bondade, a pericia e o esforço dos cultores da educação.

Sempre pensei e disse que não devemos desanimar com os defeitos nossos ou com os resultados de nosso esforço. Nossas palavras representam sementes lançadas na sociedade. São o meio mais accessivel, mais preciso e rapido para exprimir sentimentos, idéas, acção. A palavra é a fórma que mais facilmente se communica; é a semente que se insinúa em todos os terrenos.

Estas palavras, como as sementes do antigo Evangelho, podem afogar-se nos espinhos ou reseccar-se nas pedras e podem ser conculcadas pelos homens. Mas a benevolencia geral, que bafejou seu nascimento, será o bom terreno em que devem germinar, florescer e fructificar. Este é meu consolo, este é o motivo que me fez consentir em lhes alargar a publicidade.

Ha um ponto mais deste episodio que desejo frisar. O publico, habituado a certos exageros rhetoricos, poderá suppôr que minha linguagem realçou demasiadamente as qualidades moraes de meus alumnos. Poderá tambem julgar que taes qualidades desabrocharam interesseiramente e graças a condescendencias do professor.

Tão desfavoraveis hypotheses podem ser afastadas: 1.º) sabendo-se que nessa turma fui o unico professor que reprovou treze alumnas, tres alumnos e deu, a outros tantos, médias fraquissimas, de reprovação geral; 2.º) vendo-se no *Appendice* os documentos comprobatorios de sua desinteressada affeição. Estas circumstancias é que mais ainda me commoveram, encarecendo a bondade especial dos que se affeiçoaram a um severo juiz, dos que nelle viram justiça bondosa e não crúa dureza.

Documentando assim minha palavra, viso mais reforçal-a para persuadir a todos a urgente necessidade do cultivo universal da sympathia, do cultivo da bondade.

E' desse fundo sereno, calido e crystalino que podem surgir a boa linguagem, os bons modos, as boas obras, a *urbanidade*,—a educação verdadeira.

Disse Augusto Comte, inspirado por uma santa affeição: *On se lasse de penser et même d'agir; jamais on ne se lasse d'aimer ni de le dire.* O *dizer* que dessa fonte promana é que deve ser nobremente cultivado. Essa *palavra* é que verdadeiramente resume sentimento, idéa e acção. A realidade completa será por ella inteiramente vestida, porque, no dizer de M.me de Staël, «*il n'y a rien de réel au monde qu'aimer.*» E Santa Tereza considerava que, no inferno, a desgraça do demonio provinha de não amar. Esse *amar* ou esse *amor* deve resumir-se na *bondade*, deve comprehender o *apego* e sobretudo a *veneração.*

A indisciplina, a insubmissão, a revolta, que geralmente reina hoje, provém da descultura da sympathia, da desunião nos sentimentos. A frieza, a frouxidão dos laços affectivos reage mal nas acções e deixa o espirito fluctuante. Este, sem convicções, sem idéas fixas, não esclarece, não guia e é mal estimulado.

Dahi a tristeza que tudo cobre de um plumbeo véo. Não ha graça, agudeza, donaires, saborosos ditos, —*eutrapelia* verdadeira. Ha chança, motejo, larachas, chocarrices,—a zombaria insolente. Em vez de festas, —folganças, folias carnavalescas; em vez de jovialidade, —jogralidades, truanices grosseiras. O gosto se embota e a urbanidade sossobra. Inventa-se *arte nova, decadente, macabra* e proclama-se o desrespeito ás formulas consagradas. Fecha-se o salão e abre-se a tavolagem. Depois, lugubremente, as garras da tuberculose vão relegando os homens para *sanatorios* longinquos... Uma parte da sociedade a repellir a outra, sem melhoral-a essencialmente. E' o *homo hominis lupus.* Fecha-se o coração á bondade e trata-se

de *viver*, mesmo á custa da morte dos *amigos* da vespera.

Não, essa miseria não deve alastrar-se mais. Surja entre os *humanos* um laço de *humanidade*. Detenha-se a onda que se avoluma, e comecemos por enfraquecel-a na sociedade infantil, que será a sociedade de amanhã. Comecemos pela *urbanidade*, como processo mais pratico, mais accessivel, mais apparente. Sejamos bondosos em incutil-a e severos em encaminhal-a.

O episodio deste discurso é sobremodo animador para perseverarmos nessa direcção. Nossa justiça pode ser urbana, benevola e inquebrantavel. Podemos praticalas desassombrados e certos de que ha quem a comprehenda, quem a recompense. Tal é a convicção que desejo propagar entre meus leitores.

José Feliciano.

Illustrissimo cidadão presidente do Estado! Illustre cidadão ministro do Interior!

Cidadão director e meus collegas! Minhas caras alumnas e meus estimados alumnos! Minhas senhoras e meus senhores!

No ultimo terço de uma peregrinação necessaria, quando voltava do grandioso Londres ao Paris incomparavel, fui agradavelmente surprehendido com a incumbencia que ora começo a desempenhar.

Minhas senhoras, meus senhores e sobretudo meus futuros collegas! Para vossa animação e consolo preciso frisar bem neste exordio as doces emoções que esse encargo me despertou. Preciso assentar que de minhas alumnas e de meus alumnos me vieram os confortos mais animadores em todos os transes de minha vida.

Os affectos de pae, de irmão e de amigo, que a sorte a elles me faz principalmente consagrar, têm tido a mais consoladora correspondencia. E' dahi que me vem o principal estimulo para ser professor antes de tudo. E' nelles que me revejo muitas vezes, a compensar com algum bem os males que nesta vida inevitavelmente vamos espalhando! São elles principalmente a fonte de gratas recordações, de recompensas verdadeiras e de animadoras esperanças! Vem delles

sobretudo a crença no Amor, no Saber e no Trabalho! Ao vêl-os tão enthusiastas, tão affectuosos, tão sedentos de glorias e de saber, sinto o coração levantado, a mente desentorpecida e a vontade mais resoluta.

E' por isso que tenho necessidade de lhes agradecer; por isso é que necessito apresentar aos futuros professores este prospecto, que os estimule a consagrar-se inteiramente ao alto mister de educadores esforçados.

Educae antes de tudo. Encaminhae methodicamente o espirito, alimentando o coração e fortalecendo a vontade. Dae altos ideaes á contemplação de vossos alumnos. Instrui-os nas cousas sãs, nos conhecimentos sympathicos. Emfim, antes de tudo *tratae de saber como se educa instruindo.* Formae uma idéa segura do que seja a educação verdadeira e buscae systematizar um conjunto de meios para realizal-a com a instrucção.

Neste ultimo encontro escolar, a que bondosamente me chamastes, será meu esforço maior o auxiliar-vos na consecução desse *desideratum.* Tomae em bem estas notas ligeiras, apressadamente escritas, sob as emoções e com a fadiga de uma longa viagem. Visam ellas encaminhar-vos inicialmente em vossa nobre missão e deixar-vos de mim uma lembrança que me parece util.

—

I

Mesmo nascendo com as tendencias hereditarias do civilizado, o homem-infante é uma criaturinha espontaneamente egoista, disposta a viver para si e comsigo. As qualidades sociaes que herdou não lhe bastariam para viver na sociedade actual, não o habilitariam a bem servil-a como cidadão util. Si não o preparassem para o viver social, *o mundo teria de ensinal-o.* Mas tal *ensino* não costuma acabar em tempo de aproveitar um cidadão ainda valido e verdadeiramente prestadio.

Em geral, o *ensino do mundo* é menos paciente e leva o alumno ás raias do desespero ou o encerra nos ergastulos dos incorrigiveis. E isto porque a sociedade só tolera os seres que lhe são mais ou menos assimilaveis ou que não se tornam verdadeiramente, profundamente perturbadores. Na sociedade o homem tem que ser pelo menos *supportavel.* Para nella entrar e viver passavelmente, deve apparecer como os alumnos que nos exames receberam a nota *soffrivel.* Com essa qualidade, poderá attender aos conselhos dos mais, poderá corrigir-se com a influencia, com os reclamos da opinião publica, poderá estimular-se um pouco aos

acenos de uma gloria porvindoura. Não precisará soffrer a inevitavel coerção material, que deve ir da simples correcção policial até á triste, horripilante, mas ainda desgraçadamente necessaria amputação ou ablação final. Assim, por bem ou por mal, o homem tem de ser educado ou *tem que ser ensinado.*

Ora, si o homem na sociedade não pode viver sempre *como quer*, *insupportavelmente*, perturbadoramente,—a consequencia é que deve ir para a vida social ao menos com approvação simples, com o grau *soffrivel* ao menos. Eis ahi o mister da educação systematizada, regular, a substituir a educação, o ensino espontaneo, irregular que a sociedade, sem exito muitas vezes, imprime no individuo.

O fim da educação regular é, pois, predispor á vida social um ser espontaneamente propenso ao viver egoista. A educação deve habilital-o com as impulsões, com as tradições e ensinamentos do Passado para bem servir a geração actual e as gerações vindouras, onde seu nome viverá, para ainda reviver como exemplo a novas, successivas gerações.

Eis o que syntheticamente está expresso nesta definição de Augusto Comte: *Toda educação humana deve preparar cada um a viver para outrem, afim de reviver em outrem.* Como em todos os tempos se fez, cada cidadão deve ser sempre educado para o serviço da sociedade e desta receberá elle a melhor recompensa, com a glorificação de seu nome.

Meus caros alumnos, mais algumas palavras sobre este interessante objecto.

O problema da educação é o problema da vida humana, é a subordinação do egoismo ao altruismo, é a sotoposição dos sentimentos maus aos bons, é o triumpho da bondade sobre a maldade. Esse triumpho só se alcança pela reacção da sociedade sobre o individuo, pela influencia da vida collectiva sobre a vida individual. Mas essa influencia não é só a que em nós todos exerce a opinião publica, a sociedade actual. E' sobretudo a influencia dos ensinamentos do Passado, é a influencia das sancções do Porvir. Vae da concepção inicial, do vagido primeiro á extinção final, ao derradeiro ronquido do moribundo.

Sendo antes de tudo physica e moral, sendo depois esthetica, para se tornar por fim essencialmente intellectual,—a educação emana principalmente das grandezas do Passado.

Na phase primeira, em que prepondera a cultura physica e moral, é nossa Mãe, é a Familia o orgam essencial de nossa educação. Della nos vem o ser, com todas as influições hereditarias e até com os caracteres organicos de nossos antepassados. Com o leite primeiro, com os primeiros habitos, com a primeira marcha vacillante, haurimos os sentimentos, as tradições, o cunho familiar que o passado imprimiu na estirpe de que procedemos.

Essa é a decisiva educação moral, que se impregna em organismos noveis e influe em nossa existencia inteira. Si mais tarde uma educação esthetica e systematicamente intellectual não nos vier contrariar, corrigir ou encaminhar com outras tendencias, com fins mais nobres, nossa vida estará sempre mais ou menos dominada por essas influencias primitivas. Então

é que se fere a lucta entre a vida collectiva e a individual; é então que vemos a sociedade reagir sobre o individuo, que o vemos resistir e infelicitar-se muitas vezes.

Felizmente, salvo excepções monstruosas, as mães são sempre Mães, isto é, dedicadas, ternas criaturas, interessadas no futuro de seus tenros novedios, a encaminhal-os no trilho do bem ou da boa vontade. Mas, ainda assim, a sociedade terá sempre de influir no educando, terá mesmo de abrir luta com elle, porque não prepondera um systema educativo que ligue a Familia á Sociedade, que vise sempre o serviço social na educação do individuo.

Nesses encontros ou recontros, nos contactos sociaes, nas influencias reciprocas que nos exercemos, nossos pendores egoistas provocam antagonismos individuaes que tendem a neutralizal-os. Em taes contactos, são as inclinações nobres que habitualmente comportam um quasi illimitado exercicio universal. O egoismo tende a atrophiar-se, na propria massa de seus orgams cerebraes. O altruismo se alimenta, vige e viça, augmentando a massa dos orgams verdadeiramente affectivos.

Essa é a reacção geral da sociedade sobre a vida individual. A educação deve ter por fim systematizal-a, preparando especialmente a conducta social do individuo.

Um artificio legitimo nos fornecerá um typo moral, uma situação utopica, onde podemos ver o ideal da conducta humana. (*)

(*) Vide *Politique positive*, II, especialmente cap. II.

Toda a difficuldade educativa está em vencer a preponderancia dos instintos inferiores. Ora, essa preponderancia é devida á excitação que sobre nós continuamente exercem nossas necessidades physicas, — a pensão do comer, as exigencias do *pão para a bocca*, no dizer de Vieira. Dahi nossas lutas, nossas ligações e dissidios interesseiros. Numa situação ideal, em que o homem se alimentasse tão facilmente como respira, nos descampados de nossa terra, — esses interesses, essas rivalidades desappareceriam. Nossos instintos pessoaes, privados de uma excitação continua, seriam vencidos pelo simples antagonismo das propensões alheias e cederiam o campo á encantadora expansão dos affectos nobres.

A sciencia, feita de investigações praticas, destinadas a esclarecer a actividade industrial; a sciencia a que são refractarias nossas tendencias estheticas, mui pouco se densenvolveria então. Predominariam as especulações estheticas, destinadas á expressão affectiva: conceber, meditar para melhor se exprimir e se communicar melhor. Manifestar-nos-iamos ao impulso das emoções mais doces, e pela expressão se reagiria nos affectos. A actividade seria esthetica tambem, em vez de technica, — produziria manifestações, em vez de acções propriamente ditas; *jogos*, *brincos*, em vez de *actos*, *labores*. A arte verdadeira dominaria sublimada. Fôra o reinado da jovialidade sã, cavalheiresca, — o reinado da *gaia sciencia* e da *arte gaia*. Despreoccupados como os passaros, como as crianças ou como as selvicolas em regiões naturalmente ferteis, — cantariamos, afinariamos o verdadeiro côro da harmonia social.

Na familia reinaria maior sociabilidade, com as festas verdadeiramente sympathicas. Nas escolas, menos arte gymnastica, para desenvolvimento grosseiro de musculos, e mais arte poetica, para manifestar affectos exuberantes. Em toda parte, preeminencia mais nitida e completa do merito moral sobre o physico e mesmo sobre o intellectual. Na sociedade inteira, o governo espiritual dominaria o temporal, e, por fim, até o governo affectivo sobrelevára o especulativo. Viria então o verdadeiro imperio da Mulher verdadeira, da Mulher educadora, em tudo exemplar, affectiva em tudo.

Tocamos aqui o ponto essencial, o ponto supremo da educação como progresso, como desenvolvimento social, como evolução completa. Nisto devemos crer, isto devemos proclamar,—este é o ideal que deve dirigir as almas bem intencionadas, atravez dos tristes desmaios de uma época menos triste do que parece.

Libertada de todo trabalho, de toda corrupção exterior, e consagrando-se ao Lar, á superintendencia da educação,—fôra a Mulher o supremo arbitro de nosso destino. Toda a educação ficaria reduzida a systematizar a influencia da mulher sobre o homem, a estabelecer o dominio do sentimento feminino sobre a actividade masculina. O nó fundamental deste magno problema estaria no papel dominante da Mulher como educadora, como carinhosa Mãe, Esposa caroavel, dedicada Irmã, piedosa Filha e amiga bondosa.

Esse é o ideal, o typo longinquo, o guia social do individuo educado,—meta suprema de nossos esforços actuaes. Nas tristes asperidões do viver presente, a

plenitude dessa funcção sublime só pode preluzir na constituição domestica e no mister de professora. Precisamos ainda do poder da sciencia, para dirigir a actividade no vencer as difficuldades da vida. Necessitamos da constituição politica, para regular a acção da sciencia sobre a industria, a acção do poder espiritual sobre a força material. Necessitamos, emfim, das arduas pugnas do trabalho rude para um rude viver, que ás vezes se transmuda em morte.

Encaremol-o animosamente, com esperanças roseas e vejamos como attenuar essas asperidões, que lhe ennodam, que lhe enrugam a superficie ainda inculta.

II

Para se tornarem verdadeiros cidadãos é que se devem educar todos os homens. O civismo é o mais alargado sentimento social em que precisamente, nitidamente se póde prender nossa existencia inteira. Dos civismos diversos é que se formará, por fim, a sympathia universal, a união dos povos. Ser *bom cidadão* é a maneira mais decisiva de ser um bom homem, um *homem social*. A preponderancia do civismo consolidará os liames domesticos, depurando-os, desenvolvendo-os. E' por isso que as affeições domesticas só se dignificam, só se ennobrecem quando predispõem o homem a bem servir sua Patria.

Predispôr melhor o homem a bem cumprir seus deveres civicos, — tal é a parte habitual, verdadeira, legitima que a mulher deve tomar na vida politica de seu paiz. Ora, a mulher educadora, como o homem educador, pódem habitualmente cooperar nesse altanado escopo, sob uma fórma bem accessivel.

Essa fórma é o cultivo da *polidez* (*polis?*), da *urbanidade* (*urbs*), da *civilidade* (*civis*), que envolve sempre a idéa de vida civica, de civilização, de progresso em geral.

A *delicadeza* (*delicatus*), que a essa idéa tambem se inhére, é mais moderna, mais cavalheiresca, talvez mais do futuro. Lembra a gracilidade do sexo fragil, prenuncía a verdadeira influencia feminil, destinada a prevalecer na educação ideal.

Assim, a educação em geral póde ser considerada como o *cultivo da urbanidade*. A *urbanidade* ficará sendo claramente a aptidão de viver na sociedade sem ferir, sem offender, sem estorvar nossos verdadeiros concidadãos. Ora, o melhor meio de não embaraçar, de não offender seus concidadãos é ser bom, é ser altruista, porque o egoismo é que habitualmente levanta questões e provoca rivalidades. Dahi resulta que com a cultura da urbanidade se póde trabalhar na solução do problema educativo, conforme anteriormente o estabelecemos. Sob esse aspecto, importa fixal-a bem, aperfeiçoando o que a respeito nos fornecem as noções vulgares.

A *polidez* deve ser destinada a *polir* a vida, a desvanecer as agruras de um viver trabalhoso e rude, a dar-lhe o lustre que estheticamente mais agrada. A polidez, na phrase de Diderot, será em nossa alma « uma inclinação doce e bemfazeja, que torna o espirito attento », que torna o homem *attencioso*. Será então naturalmente « pura e innocente », como diz o incomparavel encyclopedista; será filha da virtude, será « essencialmente um bem », ainda que, ás vezes, possam desvial-a de seu uso verdadeiro. A polidez é sempre um bem, porque reage no homem que a emprega e no que a recebe: dá-nos habitos de correcção e evita em nossos semelhantes as reacções que a rusticidade provoca.

A polidez resulta da lei fundamental que nos ensina a fazer sempre a hypothese mais simples, mais bella, mais esthetica, mais sympathica, de accôrdo com os documentos effectivamente apreciados. Ora, esses documentos, sendo raramente completos, e não podendo ser desde logo apreciados, o dever nosso é tratar sempre bem os que comnosco vivem, os que são nossos semelhantes, os que são ainda simples conhecidos ou meros encontradiços. E' fazendo-nos bons que vemos, que recebemos a bondade alheia. E' com sympathia que se tira sympathia.

A polidez torna-se desse modo a mais esthetica manifestação da bondade; fica sendo, na bella phrase de Petrarca, um

Gentil parlar in cui chiaro refulse,
Con somma cortesia, somma onestate.

Ou, ainda mais, pode ser, na mulher, o que o nosso Camões chamou «a celeste formosura» de sua Circe, isto é:

Um mover d'olhos, brando e piedoso,
Sem ver de que; um riso brando e honesto,
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso.

Ou melhor:

Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
UMA PURA BONDADE, MANIFESTO
INDICIO DA ALMA, LIMPO E GRACIOSO.

Ou, finalmente, para exprimir o *silencio discreto*, com que receamos ou soffremos as indiscreções de nossos semelhantes, a polidez pode ser ainda:

Um encolhido ousar; uma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente soffrimento.

Esta formosura, que «poude transformar o pensamento» de Camões, deve symbolizar a polidez que educa, transforma e levanta o homem á altura de um ser verdadeiramente social.

*
* *

Vejamos, minhas caras alumnas, como podereis estheticamente alindar vossas discipulas com essa formosura. Vejamos, meus estimados alumnos, como podereis transformar vossos discipulos em gentishomens, em nobres cavalheiros. Serei mui breve. Não irei além de uns traços muito geraes, muito incompletos.

Antes de tudo, haveis de buscar a collaboração das familias de vossos educandos. E' na discreta familiaridade entre os paes e os filhos; é na bondade para com os servidores e no respeito aos velhos, aos superiores; é na companhia habitual, na conversação domestica, na linguagem materna que se inicia, se desenvolve e se reflete a polidez infantil.

Escolham os paes os mestres de seus filhos, e não desenvolvam nestes a maledicencia com as apreciações malevolas de seus superiores.

Encaminhem os mestres os seus alumnos no respeito aos paes, ás familias, e attenuem sempre as suas apreciações criticas.

Não dissimulo as difficuldades com que, neste particular, tereis de enfrentar em nossa raça. Vi-as mais sensivelmente ao passar da polidissima, civilizada França, da bella, polida, esthetica Italia para a nobre, altiva Hespanha, para o bom e glorioso Portugal.

Não temos urbanidade desenvolvida, faltam-nos a sociabilidade domestica, as reuniões estheticas, as recepções familiares, as festas convergentes, regulares. Ha muito isolamento egoista. Dahi o desenvolvimento infando de um jogo desenfreado, que desencaminha famulos, crianças, paes—familias inteiras. Dahi o triste, percuciente grito que me importunou em Madrid—*Suerte mañana! Sale mañana!* Dahi os frequentes annuncios que lá me contristaram: *Dinero por ropas e alhajas!* Dahi as *toradas* barbarissimas, que, mais do que a polidez, ferem fundo os sentimentos benevolos e asselvajam tigrinamente o homem civilizado.

Evitae, Mães; evitae, Mestres, essa rusticidade, essa grosseria, esse embrutecimento, essa barbárie monstruosa! Desenvolvei outros affectos, que expillam dos tenros corações esses monstrengos ou que preencham de antemão os lugares em que se iriam elles acoutar.

As más impressões são duplamente prejudiciaes: actuam para o mal e impedem a entrada do bem. Ficam energicas, indeleveis nas almas novinhas e afugentam as sensações, as noções boas, que mais tarde appareçam. Por isso é criminosa a mãe que em seus filhos indiscretamente desenvolve impressões condemnaveis. E'

por isso criminoso o professor relaxado que enche de um ensino secco, enche de erros, de noções maleficas as almas que se lhe entregaram sequiosas de verdades e de conhecimentos beneficos. São duas vezes maus: fazem o mal e fecham a porta á acquisição de bens.

Cultivae em vossos alumnos as boas maneiras, os bons termos, a boa linguagem. Poli-os das brutezas animaes, ensinae-lhes as formulas da civilização verdadeiramente hodierna, desterrae de seus labios o calão chulo e mesmo o inesthetico vulgarismo. Que entre elles proprios, que com seus servidores usem todos das cortezanias de linguagem, que levam a agradecer tudo, a tudo solicitar por favor, como quem realmente *não tem direito* ao serviço alheio. Como é bello nos labios francezes aquelle constante — *Merci, monsieur! S'il vous plaît, monsieur! Pardon, monsieur!*

Direis talvez que vae nisso mais cortezanice que cortezia verdadeira, que ha nisso mais apparencia que sinceridade. Seja! Mas por ventura é o inverso, é a sinceridade brutal que aproveita, que é util, é harmonica na sociedade? E' verdadeiro, é social, é sympathico o desplante com que o *sincero*, o inimigo de fingimentos occupa o *seu* lugar no bonde, ante um velho ou uma senhora que deseja sentar-se? E' bello, é approvavel o questionador rabugento que apostropha seu servidor, que desagradece o serviço que pagou com *seu* dinheiro? Donde lhe vieram os meios de que usa tão altaneiramente? Não os adquiriu á custa da sociedade onde nasceu, onde se desenvolve, onde irá declinando e terá de morrer?

Evitae em vossos educandos tão feios, tão brutaes arremessos do orgulho. Nas classes, nos recreios, ao

sahir, sejam elles cortezes, não discutam primazias vaidosas, precedencias frivolas, irregulares. Evitae os jogos grosseiros, porque é nos brinquedos que mais geralmente se cultiva a urbanidade. Vêde que elles se educam para ser filhos piedosos, irmãos dedicados, delicados esposos, amigos benevolos e em tudo cidadãos correctos. Não se destinam aos corros sanguinolentos, ás batalhas encarniçadas. Fazei-os fortes como o aço brunido, açacalado, e não brutos como os cantos partidos, anfractuosos. Mesmo nas emergencias de uma triste, incomportavel guerra, não ha mister manejadores de eneos arietes ou catapultas pesadas. O mover de um dedo basta hoje para vencer muitos inimigos. Havemos mister agilidade, finura, tacto, perspicacia, agudeza, isto é, tudo quanto é compativel com a mais extremada polidez.

Cultivae com a urbanidade o enthusiasmo em geral e particularizae-o em commemorações aos homens superiores, aos dignos mortos. E' outra fórma da urbanidade completa.

Nenhum enthusiasmo deve ser amortecido com intempestivas correcções. O enthusiasmo é talvez a mais esthetica, a mais accessivel das fórmas que a veneração pode assumir, sobretudo nas naturezas impressionaveis. Ainda que ás vezes nos exponha a illusões, estas são geralmente poeticas, aperfeiçoadoras e nos afastam da frieza, da seccura egoista, da negra detracção, do aspero desdem.

Como dilata nossa alma a contemplação enthusiastica de uma scena da natureza, de um occaso, de uma esplanada amplissima, de uma serrania interminа! Como encanta, faz-nos vibrar e nos eleva uma

esculptura de Apollo, de Laocoonte, da severa Minerva ou da candida *Venus Capitolina!* Uma Virgem suavissima de Raphael, uma Virgem vaporosa de Murillo, uma scena domestica de Greuze, uma festa popular de Goya! Como predispõem ao bem uma sonata de Beethoven, um lamento, uma melodia de Bellini, ou um thesouro, um mundo musical como o *D. Juan* de Mozart! Como enthusiasma um trecho sublime de Bossuet, uma correcção arguta de Vieira, um cantico de Dante, um soneto de Petrarca, uma ode, uma egloga, um canto, um soneto de Camões!

Ora, de tudo isso podeis gosar em reproducções artisticas, em festivaes, em commemorações civicas, em coros escolares, festivos ou solennes. Porque não instituir regularmente a festa das arvores, num sitio de vista encantadora, com musica, poesias, coros pantheistas, imponentes e impressivos? Porque não cultivar em tudo as manifestações mais sublimes da arte e ficar nas imitações estereis ou nas composições mediocres, engoiadas, seccas?

Pois o esforço empregado em estragar o gosto na leitura de versinhos frios e errados, não daria para entender um soneto de Camões, com o auxilio da admiração prévia que tão grande nome desperta? Digo-vos, com a experiencia de meu ensino, que ao mestre esforçado basta esse esforço e que o resultado é completo.

Esforçae-vos e levantae vossos alumnos á altura dos grandes, que lhes podem santificar o enthusiasmo. São os grandes consagrados que os podem civilizar e polir, irmanando-os na longa, continua cadeia de todos os enthusiastas seus, dos admiradores que nos

precederam. Nosso encanto se amplifica na communhão de tantos educandos, que se dessedentaram nas mesmas fontes, admiraram as mesmas bellezas, sentiram os mesmos ineffaveís gosos estheticos. E' assim que a educação emana principalmente das grandezas do Passado. Assim é que afastamos as pequenezas do presente, suas lutas depressoras, suas grosseiras rivalidades. Podemos assim cultivar a verdadeira polidez, como

Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, LIMPO e GRACIOSO.

III

Preciso terminar, vencendo o encanto desta ultima conversação escolar, collectiva. Não posso fazer como os amigos caros que prolongam, prolongam sempre o ultimo dialogo da despedida. O que eu agora desejava prolongar era a benevolencia que me concedem os ouvintes desta despretenciosa confabulação. Peço-lhes mais alguns momentos. Vou encurtar quanto me resta dizer.

Assentámos na primeira parte o ideal da educação e na segunda bosquejámos os meios a tentar para sua conquista. Esses meios são parciaes e precisam ser coordenados num todo geral, que melhor represente a realidade. A realidade está sempre no conjunto, e os esforços parciaes só aproveitam quando com elle afinam harmonicamente.

Em ordem politica e em progresso economico se pode resumir quanto geralmente se deve fazer em prol da educação. As épocas de abundancia tornam-se favoraveis ao mister educativo, porque attenuam a excitação do egoismo. Sendo mais facilmente satisfeitas as necessidades materiaes, ha maior predisposição para a bondade, para a polidez, para os gosos da sociabili-

dade. E' tambem o que se dá nas épocas de calma, de estabilidade politica. Assim, do ponto de vista politico-economico, nossa conducta pode aproveitar na consideração do typo ideal que ficou delineado.

Os futuros cidadãos podem ser educados com a previsão dessas necessidades geraes. A urbanidade lhes ensinará a respeitar melhor as autoridades que personificam a ordem social, e os fará poupar os haveres humanos, hoje dilapidados como si foram ganho individual de seus prodigos apprehensores. O governo constituido é sempre uma força respeitavel, embora subjectivamente, moralmente haja governados superiores aos governantes. Sem servilismo, por urbanidade social, todos devem respeital-o, sem criticas irritantes, sem comparações irracionaes com modelos problematicos ou com typos ideaes. Este respeito deve extenderse ás dignas forças economicas, aos capitalistas, hoje tão atacados pelos espiritos destruidores.

As forças sociaes, assim consolidadas, ennobrecidas, livres dos cuidados absorventes de uma defesa continua, fructificarão em resultados verdadeiramente progressivos.

No caso presente, o ideal da educação exige o preparo realmente integral dos educadores e os premios que os compensem, que os estimulem na tarefa educativa. Ensino integral é apenas a systematização do preparo que a vida exige de qualquer homem activo.

Tome-se um camponez humilde e ver-se-á que, para desempenhar-se de seu papel activo, teve necessidade de um ensino espontaneo, grosseiramente integral. Ninguem hoje, mesmo que viva *activamente* a

conversar, poderá eximir-se de uma preparação verdadeiramente geral.

Nós temos o mau vezo de medir tudo por uma craveira pessoal. E' superior *ás forças humanas*, é inaccessivel ou é simplesmente difficil o que *nossas* forças não venceram, o que *nossos* pés não escalaram, o que *nosso* espirito não penetrou. Em vez de confessar a propria inferioridade, nós a alijamos sobre a muda innocencia das cousas. Estas é que são altas *demais*; — nós temos a *altura bastante.*

Fugi, meus amigos, dessa betesga da alma e sujeitae-vos ao preparo que vossa missão exige. Ella é que tem a alteza sufficiente. Si a vossa não a alcança, trabalhae, esforçae-vos por completar a preparação que nós aqui não vos soubemos dar. O poder geral, que tudo vigia, que a tudo provê, vos levará em conta vossos esforços e corrigirá os defeitos que assim patenteareis. Nunca escondaes essa lacunas, por uma falsa vergonha. E' mais triste, é mais deshonroso ensinar, fingindo que sabe. E' um criminoso o que finge ensinar, impedindo que outros o façam melhor, impedindo o educando de apprender verdadeiramente. Quantos de nós até hoje lutamos por apprender certas noções, só porque na sazão opportuna, um mau professor *fingiu ensinar-nos*, malbaratando nosso tempo precioso.

Talvez se crie ainda um *codigo premial* para compensar vossos esforços. O premio estimula sempre os bons e o castigo nem sempre corrige os maus. O novo codigo talvez fructificasse melhor que o velho *codigo penal*; este aproveita sobretudo aos relapsos, que por elle calculam até onde póde ir sua negligencia.

Entre os premios, talvez caiba a algum de vós aquelle que me parece indispensavel: — a viagem ao extrangeiro, com programma em parte livre, em parte obrigatorio. Então lembrar-vos-eis destas ligeirissimas indicações de vosso mestre e amigo, então as completareis com um espirito mais vicejante, mais enthusiasta. Creio em vós, creio na mocidade, creio no futuro. A Patria depende de vós. Trabalhae sâmente para sua grandeza.

CONCLUSÃO

Vou concluir.

Com saudades de pae, de irmão e de amigo vos deixa vosso paranympho.

Vós todos deixaes nelle, mais que o mestre, — o amigo, a se esforçar para corresponder ao carinhoso respeito, á grata amizade com que sempre o tratastes.

Quando tiver que apresentar um exemplo completo, sincero de como se honra, se estima, se affeiçôa um professor, — nenhum me acudirá tão espontaneo como o que me destes sempre. Sois, portanto, meus credores. Tenho eu agora precisão de vos agradecer. Fostes vós os protectores, eu o protegido por vossa bondade, por vosso affecto.

Recebei esses agradecimentos. Não os dita a urbanidade maneirosa, mas a sinceridade grata.

Que o destino permitta conservar-se sempre esta reciprocidade affectuosa! No meio de todos os meus defeitos, sempre desejei que na sociedade reinasse aquella *benevolencia continua* que nunca desconhece o bem, que o descobre em toda parte e em todos seus quinhoeiros. Não é a indifferença, não é a negra sus-

peição, não é a nefasta maledicencia, não é tão pouco o funesto odio que nos abre os olhos para descobrir a verdade em nossos semelhantes. A cegueira, a obcecação vem do egoismo. A sympathia é clarividente, tem a fabulosa vista do lynce. E' com bondade que sentimos bondades; é pela sympathia que descobrimos os lados sympathicos de nosso proximo.

Por isso tudo vossa sympathia me anima, dá-me novas forças. Por tudo isso eu só vos posso aconselhar a que continueis assim benevolos.

Sêde bons, sêde ricos de coração. Os bens da vida material são perecedouros. As riquezas da vida moral não perecem nunca. A bondade é imperecivel como nosso planeta, é eterna como elle. Emquanto o mundo for mundo, ser bom, fazer o bem deve ser o supremo anhelo, o consolo supremo, a unica realidade inteiramente solida.

A bondade é virtude e a virtude exige esforço. Não a confundaes com uma condescendencia facil, que annúe á vontade alheia, mesmo viciosa. Sêde, pois, esforçados em vossa bondade. Sêde-o em todas as situações da vida. Cortem-vos os frios das hyperboreas plagas ou vos queimem os soes da afogueada zona, procurae sempre instillar em vossos actos ao menos algumas gottas de bondade. Essas serão as gottas preciosas que vos hão de aquecer o coração nos regelos do inverno, ou que poderão refrigerar vossa alma nos ardores do verão.

Nas horas de frio desconsolo, evocae a imagem da formosura polida, da formosa polidez, que vos animará a ser bons com

Um mover d'olhos, brando e piedoso,
Sem ver de que ; um riso brando e honesto,
Quasi forçado ; um doce e humilde gesto...
. . . .
UMA PURA BONDADE, MANIFESTO
INDICIO DA ALMA, LIMPO E GRACIOSO.

Meus alumnos de hontem, meus amigos de hoje, de amanhã, de sempre, sêde polidos, sêde bons. Sêde bons para serdes felizes, sêdes bons quanto for humanamente possivel, quanto permittirem vossas fraquezas. Sêde verdadeiramente bons, sejam quaes foram os vendavaes de vossa existencia, que eu vos almejo calma, serena, clara como o brilho das estrellas, prefulgente como o sol em nossa terra !

Appendice

I

Em dezembro de 1901, fui surprehendido com uma commovente manifestação, em que minhas alumnas, offerecendo-me delicados mimos, diziam:

« Caro mestre. Acceitae esta lembrança que, apesar de insignificante, traduz a profunda gratidão e amizade de vossas alumnas do 3.° anno ».

Respondi-lhes então :

« Minhas prezadas alumnas. Surprehendido por vossa captivante manifestação, no meio de afazeres absorventes, não pude corresponder á gentileza de vossas intenções e á delicadeza symbolizada em vossos mimos.

Depois que se encerrou a dura phase dos exames, em que meus deveres de justiça tiveram que aparar rectamente, onde a bondade por outro modo já se não podia exercer; depois de vossa independencia de uma disciplina a meu cargo, — foi-me gratissimo receber a expressão de vossos sentimentos de « profunda gratidão e amizade ».

As selectas flores e os preciosos instrumentos de trabalho literario, com que me brindastes, têm para mim dupla significação, que deve aproveitar ás amaveis offertantes. A primeira é geral, de minha Fé, e

deriva das flores, como symbolo da pureza de intenções, da dedicação em prol de outrem, porque a flor vive puramente, para agradar, sendo boa e despertando bondade. A segunda provém dos instrumentos literarios *(faca de papel, caneta e sinete)*, que me lembram a necessidade das boas leituras, dos escritos bons, que se podem *assignalar* por um *cunho* de sincera *fé*.

Fazendo-vos comparticipantes das significações gentis e das idéas nobres de vossos mimos, desejo que continueis no 4.° anno a vos guiar por tão alevantados symbolos. E quando, na vida pratica, a necessidade de serdes dedicadas, esclarecidas e verdadeiras vos deparar obices, que desde logo não possaes vencer, vosso mestre se promptifica a auxiliar-vos, no que suas modestas forças lhe permittirem. As lições, que tão generosamente soubestes agradecer, poderão ser continuadas em conselhos e soluções, nos casos difficeis da nobre carreira que proseguis.

Mas sobretudo vosso mestre espera que as flores vos amenizem essas asperidões da vida e que a salutar perseverança efficazmente as dissipe. Sêde bondosas, sêde nobres, sêde verdadeiras e esclarecidas que a existencia vos será mais grata e menos difficultosa.

Desejo-vos todo o bem, a par de toda a dedicação, no seio da paz e da ventura verdadeira.

JOSÉ FELICIANO.

II

Ao partir para a Europa, em Maio de 1902, recebi a seguinte carta de despedida, com as assignaturas autographas:

« Caro mestre. Recebei nossos adeuses.

Nós, vossas discipulas de hontem, de quem fizestes gratas amigas e admiradoras enthusiastas, sentimos grande pesar de que venha uma viagem accrescentar, tornar completo o vosso afastamento, iniciado já pelos deveres escolares.

Para mitigar a nossa magoa, resta-nos a convicção de que essa viagem tem sem duvida um fim elevado e nobre, um objecto util á Humanidade, como sóem ter vossas acções.

Reunam-se as forças vivas da materia, no intuito de vos tornar essa excursão facil e isenta de obices; encadeiem-se os factos afim de coroar de bom exito o vosso esforço, e que um zephiro amigo vos reconduza em breve ao nosso gremio, — taes são os sinceros votos que vos enviam, saudosas e agradecidas

Minervina Soares, Anna C. Gomide de C., Marianna Alves, Almerinda M. R. de Mello, Cora A. Veiga, Laura Pyles, Maria José Motta, Maria José Ortiz, Maria José M. Gonçalves, Joanna Lefèvre de Salles, Mamie Pyles, Aida Veiga, Maria da Gloria Freitas, Dolores Carreta, Maria Barbosa, Christina Moreira, Sadie M. Hall, Lucilla Moreira Senne, Amelia Rios, Maria Luiza do Amaral, Clotilde Barroso Lintz, Adalgiza M. Pires, Augusta Salles de Paula Ramos, Paulina Nacarato, Ramira de Sá Hummel, Alcide Rios, Emilia de Godoy, Delphina Alves, Anna G. da Silveira, Emygdia de Souza, Laudelina de Campos, Christina Leite Machado, Idalina Charella, Zelina de M. Castro, Maria Julia Ribeiro, Anna de Castro Freitas, Carmelita R. Luchetti, Rosalina A. Rodrigues, Maria Julia de Abreu, Alice Augusta Novaes, Escolastica de O. Bicudo, Aurea de M. Furtado, Ignacia

Cardoso do Amaral, Maria Eliza Mascarenhas, Faustina Mascarenhas e Maria da Costa Martins.»

III

Em Pariz, em fins de setembro, recebi o seguinte officio:

«Cidadão. A commissão dos professorandos de 1902 tem a ineffavel ventura de vos communicar que, em sessão realizada em 2 do corrente, foi designado o dia 4 de dezembro proximo para recepção solenne dos diplomas, e tambem que fostes eleito paranympho, prestando-se deste modo homenagem ao vosso merito e illustração.

Certa de que não recusareis a tão merecida distincção, pede o vosso retrato para abrilhantar o quadro dos professorandos, não só como lente cathedratico e membro da Congregação da Escola Normal, mas ainda como paranympho que os ha de guiar na afanosa trajectoria da vida. Saúde e fraternidade. . .

A commissão, *Carmelita Rodrigues Luchetti, Judith O. Santos, Maria José Mendes Gonçalves, Marianna Alves, Almerinda M. R. de Mello, Maria José Ortiz, José Fortunato Ribas, André Ohl Filho.»*

Não tenho cópias das respostas que dei a essas duas missivas.

IV

A' minha volta da Europa, outras provas de affecto me aguardavam. Só minha chegada imprevista é que propositalmente as frustrou para a realidade, mas não as inutilizou para minha gratidão, assim mais crescida e mais profunda.